Rodrigo Mendes Aguiar NUSP: 10199811

Resumo: Lockman, J. J. (2000). A perception-action perspective on tool use development. Child Development, 71(1), 137-144.

O autor aborda a perspectiva da aprendizagem da utilização de ferramentas por crianças de uma perspectiva de baixo “para cima”, nesse sentido, ele cita que os fatores que predispõe a aprendizagem do uso de ferramentas podem surgir ainda no primeiro ano de vida da criança. Embora as crianças humanas comecem a experimentar o uso de ferramentais em uma idade mais avançada (em torno de 6 anos de idade), Lockman afirma que é no início da vida que fatores como a observação de adultos utilizando ferramentais, e a oportunidade precoce de manipula-las (ex: rabiscar com giz de cera) são fatores importantes para predispor o desenvolvimento cognitivo e a destreza manipulativa necessária para utilizar fermentas. Nesse contexto, o autor aponta que o tempo associado a exposição do uso de ferramentas pelos adultos são os fatores que estimulam a ontogenia do uso de ferramentais nas crianças. Outro ponto importante citado pelo autor, é a exploração da utilização das ferramentas. Em que as crianças exploram os objetos de formas variadas, muito provavelmente, afim de identificar sua finalidade e “melhor” maneira de utiliza-los. Isso, não significa utiliza-lo da mesma maneira que um adulto faria, mas permite que a criança desenvolva técnicas próprias para “aperfeiçoar” a utilização da ferramenta em questão. Ainda segundo o autor a capacidade de detectar e relacionar as possibilidades da utilização de um objeto como ferramenta relacionam-se com a imutabilidade do ambiente e a capacidade da criança de explora-lo e compreende-lo. Por fim, o autor sugere que a utilização de ferramentas possa ser entendida como uma extensão das tentativas da criança em explorar o ambiente, desse modo, é necessário observar o uso de ferramentas como um comportamento gradual e contínuo que se inicia ainda no primeiro ano de vida com a exploração e manipulação dos objetos no ambiente. Essa abordagem, contrapõe-se com a perspectiva tradicional dos estudos sobre o uso de ferramentas que sugerem um aumento de complexidade e entendimento das funcionalidades das ferramentas em curtos períodos de tempo.

Questões: von Hofsten, C. (2009). Action, the foundation for cognitive development. Scandinavian Journal of Psychology; 50(6), 617-23.

“The second explorative motive has to do with finding out about the surrounding world. Infants are extremely curious, and they rapidly learn about new objects and events that surround them. When the objects are known, they are much less interesting. This is such a profound characteristic of infant behavior that the most common way of investigating infant cognition is to show an object or event several times to the child. The children will look less on every new presentation, and when the looking time has decreased to a certain lower level, a change is introduced. If the children are sensitive to this contrast, they will then increase their looking again”.

Esse trecho do texto, assim como o resumo da aula e o artigo da Fragaszy e colaboradora que lemos há algumas aulas sobre a aprendizagem do uso de ferramentas em primatas, na verdade, me trazem a seguinte dúvida:

Ao ler e analisar mais profundamente a aprendizagem e a utilização de ferramentas em primatas não humanos e humanos, me parece meio óbvio a necessidade de adequar o paradigma de investigar esses processos a partir de uma perspectiva de baixo para cima e não ao contrário. Em muitas áreas da Biologia, por exemplo, se fala em gradualismo e explicações parcimoniosas, mas no estudo da cognição e aprendizagem existe uma supervalorização de comportamentos e habilidades complexas. Meu ponto é, o porque isso é tão forte e tão disseminado na literatura científica? É correto, em termos de ciência, superestimar comportamentos complexos em detrimento de habilidades simples, amplamente difundidas e que podem explicar sem dicotomias a cognição?